

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À SOCIEDADE

RITA DE KÁSSIA FERREIRA PAIVA

**LEXICOGRAFIA COMPARADA MULTILÍNGUE: ESTUDO
SOBRE O CONCEITO DE VIRGINDADE NOS VERBETES
VIRGEM, VIERGE, VIRGIN E VIRGEN**

BRASÍLIA - DF

2019

RITA DE KÁSSIA FERREIRA PAIVA

LEXICOGRAFIA COMPARADA MULTILÍNGUE: ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE VIRGINDADE NOS VERBETES VIRGEM, VIERGE, VIRGIN E VIRGEN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel. Professora Orientadora: Doutora Alice Maria de Araújo Ferreira

BRASÍLIA – DF

2019

RITA DE KÁSSIA FERREIRA PAIVA

LEXICOGRAFIA COMPARADA MULTILÍNGUE: ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE VIRGINDADE NOS VERBETES VIRGEM, VIERGE, VIRGIN E VIRGEN

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

Rita de Kássia Ferreira Paiva

Doutora, Alice Maria de Araújo Ferreira
Professora-Orientadora

Doutora Clarissa Prado Marini
Professora Examinadora

Mestra Susana Martínez Martínez
Professora Examinadora

Brasília, 27 de novembro de 2019

LEXICOGRAFIA COMPARADA MULTILÍNGUE: ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE VIRGINDADE NOS VERBETES VIRGEM, VIERGE, VIRGIN E VIRGEN

Rita de Kássia Ferreira Paiva¹

RESUMO

No presente artigo, foram escolhidos dezesseis dicionários nas línguas do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI): inglês, francês e espanhol e, para um maior contraste na pesquisa, a língua portuguesa. O primeiro capítulo discorre sobre a história do conceito de virgindade da Grécia Antiga e como esse conceito foi perpassado por culturas, sociedades e religiões até aos tempos atuais. A história da lexicografia é discutida da Idade Média até o século XXI, assim como a sistematização dos dicionários e as representações presentes nas obras lexicográficas. Por fim, uma análise comparada diacrônica, ou seja, ao longo do tempo – do século XVII ao século XXI, e sincrônica, analisando os diferentes dicionários na mesma época, de forma a verificar se houve mudanças, analisando os aspectos lexicográficos dos verbetes bem como o discurso social das obras, checando como são elaboradas as acepções do verbo “virgem” nos dicionários.

Palavras-chave: Dicionários, lexicografia, virgem, virgindade.

ABSTRACT

In the present article sixteen dictionaries were chosen to be part of the *corpus*, dictionaries in French, English and Spanish, the languages of the college major Applied Foreign Languages to the Multilingualism and the Informational Society (LEA-MSI) and for a bigger contrast the Portuguese language was add. The first chapter is about the history of virginity, how the concept was created in antiquity and how it was passed through cultures, societies and religions until the present day. The second chapter tells the history of lexicography from the Middle Ages to the 21st century, how this reference books are made and the social

¹Aluna do curso de LEA – MSI (Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação).

Artigo para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Professora Doutora Alice Maria de Araújo Ferreira

representations of the dictionaries. The third chapter consists in a comparative diachronic and synchronic analysis of the dictionaries, the lexicographic aspects of the entries and the discourse of the meanings of the word “virgin” in the dictionaries.

Keywords: Lexicography, dictionary, virgin, virginity.

RESUMEN

En el presente artículo fueran elegidos dieciséis diccionários de las lenguas del curso universitario Lenguas Extranjeras Aplicadas al Multilingüismo y la Sociedad de la Información (LEA-MSI), inglés, español y francés, además del portugués. Al principio se discute la historia del concepto de virginidad, de la creación del concepto en la antigüedad y la forma como se transmitió en culturas, religiones y sociedades hasta la actualidad. Después hablamos sobre la historia de la lexicografía de la Edad Média hasta hoy, la manera como los diccionarios son hechos y las representaciones sociales de los diccionarios. Por último, haremos un análisis diacrónico comparativo de las entradas del siglo XVIII al siglo XXI y un análisis sincrónico de los diferentes diccionarios en la misma época para verificar los cambios de los aspectos lexicográficos de las entradas y del discurso de los diccionarios y también del significado de la entrada “virgen”.

Palavras Clave: Dicionarios, lexicografía, virgen, virginidad.

RÉSUMÉ

Dans cet article, seize dictionnaires ont été choisis, dictionnaires de: le français, l'anglais, l'espagnol les langues du cours universitaire Langue Étrangères Appliquées au Multilinguisme et à la Société de L'Information (LEA-MSI) et aussi le portugais. Le premier chapitre c'est sur la histoire du concept du virginité qui est née sur la Grèce Antique et a été perpétué à travers les cultures, les religions et les sociétés jusqu'au jours actuels. Ensuite, on aborde sur la lexicographie, on parle sur son origine à partir du Moyen Âge jusqu'au XXI siècle et aussi la systématisation des dictionnaires et des représentations qui sont présents dans les œuvres lexicographiques. Le troisième chapitre c'est une analyse comparative

diachronique du siècle XVIII jusqu'à XXI siècle, et synchronique en analysant les différents dictionnaires de la même époque pour vérifier s'ils ont changé et aussi analysant aspects lexicographiques des entrées y les discours des œuvres et comment les acceptions du mot "vierge" ont été élaborées.

Mots-clés: Dictionnaires, vierge, virginité, lexicographie.

INTRODUÇÃO

O léxico é o conjunto de palavras de uma língua natural, ele é usado como forma de descrever o mundo, sendo assim, uma maneira de expressão linguística e sociocultural. Segundo Biderman (1996), o dicionário é uma obra cultural que registra as normas lexicais e linguísticas existentes em uma dada sociedade. A relação entre língua e cultura fica analisável nos discursos descritivos-normativos e o dicionário registra os discursos: literários, comunicativos, informativos, etc, de onde as acepções são extraídas e organizadas. No presente artigo, serão analisados os discursos sobre virgindade, presentes nos dicionários das línguas do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), sendo elas: inglês, espanhol e francês, para a obtenção de um contraste maior, adicionamos também a língua portuguesa.

O que motivou a realização da pesquisa relatada neste artigo, foi uma inquietação pessoal sobre virgindade e a importância de ressignificação do conceito, essa inquietação serviu de inspiração para trabalhos acadêmicos feitos anteriormente e para o presente artigo. A metodologia consiste em uma análise lexicográfica comparada, sincrônica e diacrônica, do verbete "virgem" em dezesseis dicionários, sendo quatro de cada língua, ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, a ver as mudanças ocorridas em cada século.

1. A VIRGINDADE ATRAVÉS DO TEMPO

O conceito de virgindade foi criado em Atenas, onde somente os homens livres maiores de 21 anos, nascidos em Atenas, filhos de pais atenienses, eram considerados cidadãos e podiam participar das assembleias. Estrangeiros, crianças, escravos, comerciantes, artesãos e mulheres não tinham o direito à cidadania. As mulheres não eram cidadãs mas

cabia a elas a responsabilidade de gerar cidadãos, foi daí que surgiu a ideia de *pathernia*, que é o estado de uma *pathernos* “Uma mulher não casada e nada mais” (SISSA, 2013, p. 78. Tradução nossa). De acordo com Knibiehler (2016), as sociedades greco-latinas eram patriarcais, os bens eram passados de pai para filho e, para garantir a paternidade, um homem deveria se casar com uma virgem.

No Império Romano, as moças não casadas se chamavam *virgo*, essas jovens eram ensinadas a se manterem virgens até o matrimônio, visto que, para as mulheres romanas o sexo pré-marital era proibido. Além disso, elas deveriam controlar sua conduta se protegendo de abusos e violações pois, a pena de morte não era dada apenas aos violadores, as vítimas consideradas imorais também eram mortas. (LANGLANDS, 2006 p. 199).

Na visão judaico-cristã, Rebeca foi a primeira virgem a ser citada “A jovem era extremamente bela, virgem, e homem algum a havia possuído.” (Gênesis, 24:16). Posteriormente, sinais de virgindade são estabelecidos para que não houvesse dúvidas da integridade de uma jovem judia “A data das núpcias era fixada após as regras da noiva, sua mãe guardava os lençóis manchado pela última menstruação para mostrar que a filha não estava grávida. O pai dizia: ‘Aqui está o sinal de sua virgindade.’” (KNIBIEHLER, 2016 p. 60). Futuramente, os lençóis manchados pelo sangue vaginal derramado na noite de núpcias também serviriam como prova da virgindade.

Na Bíblia, Maria foi a primeira mulher a ser esposa, mãe e virgem, sendo assim, a mãe imaculada de Jesus Cristo, o filho de Deus. “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim. Estando Maria, sua mãe, desposada com José [...] achou-se grávida pelo Espírito Santo.” (Mateus 1:18), sendo a virgindade de Maria um dos dogmas do catolicismo. Depois da morte de Cristo, o cristianismo se fixou em Roma e, a partir do século II, se tornou a religião oficial do Império Romano, e conseqüentemente, de diversas nações, principalmente na Europa.

Na Idade Média, o sangue continuou sendo um sinal da virgindade. O sangramento vaginal causado pelo primeiro coito era associado, pelos povos medievais, ao momento de “perda” da virgindade. No século XIV, é notada a presença de uma membrana na entrada vaginal, no século XV, essa membrana passa a ser chamada de Hímen e se torna um sinal físico da virgindade (KNIBIEHLER, 2016 p. 102).

O hímen é tido como um sinal da virgindade até hoje, entretanto, não é possível usá-lo para mensurar a atividade sexual de alguém. “Porém, de modo geral, não se pode saber se uma mulher já teve relação sexual olhando entre suas pernas. O hímen não é exclusividade das que nunca fizeram sexo.” (BROCHMANN e DAHL, 2017 p.27)

A virgindade é uma construção social atrelada a aspectos socioculturais, religiosos, morais e biológicos e é um conceito variável, ou seja, cada sociedade possui uma visão sobre o que é virgindade. As noções sobre virgindade foram sendo transformadas com o passar do tempo, sendo assim, a percepção do conceito da Grécia Antiga é consideravelmente diferente da concepção presente no século XXI.

2. DICIONÁRIO DE LÍNGUA

A lexicografia é a ciência do léxico, dedicada aos estudos da elaboração dos dicionários da língua geral. Como descreve Welker (2004), o dicionário da língua geral é um livro de consulta sobre um dado idioma, organizado em ordem alfabética, que discorre sobre os aspectos lexicais de uma determinada época.

Durante a Idade Média, o Latim era a língua mais importante da Europa, pois era a língua da Igreja. Os primeiros dicionários foram feitos por clérigos no final do século XV e eram em Latim/língua vernácula e vice-versa. No século XVI, houve um interesse em aprender outras línguas, e assim, os dicionários passaram a ser de uma língua vernácula europeia para outra, uma vez que a abertura do mundo para um novo diálogo entre nações obrigou o homem a buscar novas formas de intercâmbio linguístico (BIDERMAN, 1984 p. 2)

Nos séculos XVII e XVIII, o latim deixou de ser a língua mais relevante do continente europeu, e assim surgiram os primeiros dicionários monolíngues das línguas europeias espanhol, francês, espanhol, italiano e português. Esses dicionários surgiram como forma de afirmação linguística, dando aos idiomas europeus o estatuto de línguas vernáculas de civilizações. No século XIX as editoras popularizaram os dicionários da língua geral, nos séculos XX e XXI a lexicografia se consolidou como uma das ciências do léxico e vários outros tipos de obras lexicográficas passaram a ser produzidas, como por exemplo, dicionários escolares, especializados, multilíngues entre outros.

Rey-Debove (1971) afirma que o dicionário é formado por duas estruturas básicas: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura é composta pelos elementos pré e pós textuais, como por exemplo: sumário, prefácio, lista de abreviaturas, bibliografia e se refere também ao corpo do dicionário, ou seja, ao conjunto de entradas que são organizadas na vertical e em ordem alfabética.

Os dicionários descrevem os aspectos lexicais de um dado idioma e, para isso, um *corpus* fundamentado e representativo da língua é feito, portanto, este *corpus* deverá ser grande e diversificado e todas as variações linguísticas devem ser levadas em conta. O banco de dados precisa incluir textos literários, jornalísticos e científicos; também deverá ter trechos da língua falada para que seja o mais plural possível.

A microestrutura é constituída pelos aspectos referentes ao verbete. “Chamaremos de microestrutura, informações ordenadas de cada artigo, realizando um programa de informação constante para todos os artigos e que sejam lidas horizontalmente após a entrada” (REY-DEBOVE, 1971, p. 22). O verbete é uma das partes constituintes da microestrutura, nele há diversas informações sobre a palavra a ser consultada. Serve para explicar um conceito e geralmente é composto por entrada e enunciado.

Na cabeça do verbete, ou entrada, é possível encontrar informações que precedem a definição. Essas informações podem ser gramaticais, fonológicas, etimológicas, entre outras (WELKER, 2004, p.111). As entradas são comumente apresentadas em negrito e são dadas em ordem alfabética. Elas devem refletir o léxico vigente de uma língua, evitando as palavras em desuso, estrangeirismos, tecnoletos e regionalismos.

Segundo Welker (2004) a categoria fornece informações sobre a classe gramatical da palavra e, dependendo do dicionário e do idioma do qual ele é feito, são dadas outras informações gramaticais. A etimologia é presente logo após as informações gramaticais, e apresenta dados sobre a história de origem da palavra entrada. A maioria dos dicionários possui informações etimológicas.

A forma de pronúncia das palavras é localizada após a entrada e é dada através de caracteres do alfabeto fonético internacional. Essas informações auxiliam os leitores a saberem como pronunciar um vocábulo corretamente e estão presentes principalmente em dicionários bilíngues. (Rey-Debove, 1971).

A definição se encontra logo após a cabeça do verbete, e tem a função de explicar um conceito. Conforme Andrade (2010), a definição se refere aos signos da língua e explica os significados no intuito de esclarecer o sentido e as formas de emprego dos signos. Ela deve ser feita com o uso de palavras simples para que seja de fácil compreensão, para que os consulentes possam entender prontamente o que está escrito no dicionário. Segundo (Welker, 2004) os exemplos são frases que servem para explanar uma acepção, são frases retiradas de textos literários autênticos que auxiliam os leitores a entenderem o funcionamento da palavra consultada e onde ela deve ser empregada.

Além dos aspectos lexicográficos, o dicionário retrata as concepções socioculturais, ideológicas e históricas. “A língua é compreendida não como um fenômeno dissociado da vida, ignorando-se o sujeito e a história, mas como uma prática de interação dialógica de relevante valor socioideológico.” (REBOUÇAS, 2015, p. 79)

Segundo Costa (2015), a língua é um espelho das representações sociais, que são um conjunto de valores, convicções, posicionamentos e ideologias compartilhadas por um grupo de pessoas que usam o discurso como forma de interação entre si e para atuar sob outrem. As representações sociais são um dos aspectos vigentes nos dicionários, já que eles representam a língua, os valores e pensamentos sociais de uma determinada classe, crença e cultura.

Os dicionários são também um reflexo das ideologias sociais. De acordo com Eagleton (1997), a ideologia é um conjunto de conceitos traçados por ideias socialmente legitimadas que ajudam a manter um certo grupo no poder. De acordo com (Chaves 2011) as obras lexicográficas não possuem um discurso neutro, já que representam e reproduzem as práticas socioculturais e os valores naturalmente aceitos presentes na ideologia dominante.

Rebouças (2015) afirma que os dicionários são afetados pelas relações sociais e históricas e que as obras lexicográficas funcionam como uma forma de manipulação, pois através do discurso, definem conceitos e sentidos. Dessa forma, as pessoas tendem a pensar que os conceitos apresentados pelos dicionários são verdades absolutas, entretanto, deve haver uma reflexão sobre o discurso presente nos dicionários.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Os dicionários

No presente artigo, selecionamos as obras de maneira a ter uma obra de cada língua ao longo de quatro séculos. Foram escolhidos dicionários representativos dessas línguas mesmo sabendo que eles não representam a amplitude dessas no mundo pós-colonial porque nem todas as variações de uma língua estão presentes nos dicionários.

As obras lexicográficas da França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos são distribuídas em diversos países. O Brasil foi escolhido pois o *Aurélio* é uma obra com distribuição em Portugal e outros países lusófonos. Para o levantamento dos verbetes, elaboramos um *corpus* lexicográfico composto por dicionários das quatro línguas ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

Quadro 1 - Dicionários do corpus.

Língua	Ano	Referências
Português	1789	Diccionario da Lingua Portuguesa
	1880	Dicionário da Língua Portuguesa
	1986	Dicionário Aurélio 1986
	2010	Dicionário Aurélio 2010
Inglês	1789	A Complete Dictionary of the English Language
	1828	Na American Dictionary of the English Language
	1961	Oxford English Dictionary
	2007	Pocket Oxford Dictionary
Espanhol	1780	Diccionario de la Lengua Castellana Compuesto por la RAE
	1846	Nuevo Diccionario de la Lengua Castellana
	1958	Diccionario Manual e Ilustrado de la Lengua Española RAE
	2014	Diccionario de la Lengua Española de la RAE
Francês	1740	Dictionnaire de L'Académie Française
	1835	Dictionnaire de L'Académie Française
	1985	Le Robert de la Langue Française
	2012	Dictionnaire Larousse de Poche

Fonte: A autora (2019)

3.2 Os verbetes

Quadro 2 - Apresentação dos verbetes

Século	Português	Inglês	Espanhol	Francês
XVIII	Virgem. s. f. (do lat. Virgo, inis). Pessoa do sexo feminino, que não pecou contra a castidade, que não teve cópula carnal.	Virgin. [vɜːrɪn] f. A maid, a woman unacquainted of men; a woman not a mother; anything untouched or unmixed; the sign of the	Virgen. s.f La persona que no ha tenido comercio carnal.	Vierge. subs. fém. Fille qui a vécu dans une continence parfaite.

		zodiac in wich the sun is in August.		
XIX	Virgem. Adj. 2g. Quem tem vivido em uma perfeita continência; se diz igualmente do homem, como da mulher. >> <i>Algun mancebo también virgem.</i>	Virgin. n. nearly virgin. [It. <i>Virgine</i> ; Sp. <i>Virgen</i> ; Fr. <i>Vierge</i> ; L. <i>Virgo</i> .] 1. A woman who has no carnal knowledge of a man.	Virgen. com. La persona que no ha tenido comercio carnal.	Vierge. s.f Fille qui a vécu dans une continence parfaite.
XX	Virgem. [Do lat. <i>Virgine</i> .] S. f. 1. Mulher (especialmente jovem) que não teve relações sexuais; através da vagina com um homem; donzela.	Virgin. [vɜːrɪn] sb. and a. [...] [a. AF. and OF. <i>virgine</i> , <i>virgene</i> , <i>vierge</i> , etc. (It. <i>vergine</i> , Sp. <i>virgen</i> , Pg. <i>virgem</i>) ad,L.virginem, acc. of <i>virgo</i> maiden OF. also had the reduced forms <i>virge</i> , <i>virge</i> , mod. F. <i>vierge</i> .]I. 1. eccl. An unmarried or chaste maiden or woman, distinguished for piety or steadfastness in religion, and regarded for having a special place among the members of the Christian church on account of these merits. [...].	Virgen. com. Persona que no ha tenido comercio carnal.	Vierge. [vjɛʁʒ] n. f. et adj. -xiii s.; <i>vierge</i> , 980, en anc. franç. ; du lat. <i>virgo</i> , <i>virginis</i> . I. N. f. a. Vx, dans, des contextes spéciaux, ou stylistique. Fille qui n'a jamais eu de relations sexuelles complètes, qui possède encore l'hymen. > <i>Pucelle</i> ; et aussi <i>demi-vierge</i> .
XXI	Virgem. [do lat. <i>virgine</i> .] S. f. 1. Mulher (especialmente mulher jovem) que nunca teve relações sexuais através da vagina com um homem; donzela.	Virgin. n. 1. a person who has never had sexual intercourse.	Virgen. (Del lat. <i>virgo</i> . -inis. Escr. con may. inicial en acep. 3).m.. y f. 1. Persona que no ha tenido relaciones sexuales.	1. Vierge. adj. 1. Qui n'a jamais eu de rapports sexuels: <i>rester vierge</i>

Fonte: A autora (2019)

3.3 Análise dos Verbetes

No presente artigo, selecionamos dicionários de maneira a ter uma obra de cada língua ao longo de quatro séculos. Foram escolhidos dicionários representativos dessas línguas,

mesmo sabendo que eles não representam a amplitude dessas línguas no mundo pós-colonial porque nem todas as variações de uma língua estão presentes nos dicionários. As obras lexicográficas da França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos são distribuídas em diversos países. O Brasil foi escolhido pois o *Aurélio* é uma obra com distribuição em Portugal e outros países lusófonos.

Nos verbetes do século XVIII, é possível observar que em três das quatro acepções é citada uma pessoa do sexo feminino que não teve relações sexuais. A acepção da língua espanhola é a única que não possui relação de gênero. Em relação aos aspectos lexicográficos, todos os verbetes informam sobre a classe gramatical da palavra. Somente o verbete do inglês fornece informações sobre a pronúncia e o dicionário da língua portuguesa é o único onde a etimologia está presente.

Em relação aos verbetes do século XIX, duas acepções não se referem a gênero e em duas é referida a mulher. Em todas as acepções, quem não teve contato sexual é virgem. Todos os dicionários indicam a classe gramatical da palavra, a etimologia é dada somente no dicionário da língua inglesa e o exemplo é dado na acepção do português, porém, em nenhum dos verbetes a forma de pronúncia da palavra é indicada.

No que se refere aos verbetes do século XX, é observável que somente a acepção do dicionário da língua espanhola não menciona nenhum dos gêneros, já as outras acepções são concernentes às mulheres. A etimologia e a classe gramatical são citadas em três dos quatro dicionários, já a forma de pronúncia é presente somente no dicionário da língua francesa.

Nos verbetes do século XXI, a acepção da língua portuguesa é a única que possui referência de gênero. Nas outras três acepções, o gênero não é citado; a classe gramatical é citada nos verbetes dos quatro dicionários, a etimologia está presente em dois dos verbetes e a forma de pronúncia não é dada.

Nos verbetes da língua portuguesa, passamos de uma acepção religiosa e moral de atribuição feminina (mulher) em 1789. Ainda no século XIX (1877), o homem e a mulher são citados e o viés moral religioso continua presente. A acepção do século XX (1986) é dada à mulher, mas com um viés biofisiológico, pois órgãos genitais são mencionados, essa acepção é a mesma presente no século XXI (2010). Ao longo do tempo, as transformações foram muito leves, sobretudo no tipo de abordagem que passou de moral-cristã para um modelo

biológico e fisiológico. As mudanças em relação aos aspectos lexicográficos também foram sutis. A categoria passa de substantivo feminino, em 1789, para adjetivo de dois gêneros, em 1877, e depois volta a ser substantivo feminino, em 1986 e 2010; a pronúncia não aparece em nenhum dos verbetes do português, a etimologia apenas não é presente no verbete do século XIX.

No que refere aos verbetes do inglês, a acepção do século XVIII (1789) possui uma atribuição com relação de negação, mencionando uma mulher que não conhece o homem e que não é mãe e qualquer coisa que não foi tocada ou que não possui mistura. É uma acepção moral e religiosa em relação à mulher. No século XIX (1828), a acepção menciona mulher que não tem conhecimento carnal de um homem e mulher que não é mãe, dessa forma o viés moral-religioso continua presente e a negação também.

Já no século XX (1961), assim como nos séculos anteriores, a pessoa do sexo feminino é mencionada, e é neste século que temos a acepção mais religiosa de todas, que é de caráter eclesiástico e menciona a Igreja diretamente e, assim, o valor moral-religioso ainda é presente. Apenas no século XXI (2007) a menção deixa de mencionar mulher e se torna genérica, passando a se referir a pessoa e o valor moral cristão não é mais presente.

Nos aspectos lexicográficos presentes nos verbetes dos dicionários da língua inglesa, podemos notar que a categoria gramatical é apresentada como feminina no verbete do dicionário de 1789, e a etimologia é presente em três dos quatro dicionários. Os dicionários de 1828 e 1961 possuem a forma de pronúncia da palavra e nenhum dos dicionários fornece exemplos na primeira acepção.

Na língua francesa, a acepção do século XVIII (1740) tem caráter moral e religioso atribuído somente a mulher. No século XIX (1835), a acepção continua a mesma pois ambos os dicionários foram feitos pela Academia Francesa. No século XX (1985), a acepção continua a se referir ao sexo feminino e passa a ter um viés biofisiológico, onde é citado o Hímen; já no século XXI (2012), se refere a quem não teve relações sexuais, sem mencionar gênero e os valores morais, religiosos, fisiológicos e biológicos não estão presentes.

No que concerne às informações lexicográficas dos verbetes da língua francesa, os dicionários da Academia Francesa (1740 e 1835) classificam a palavra como substantivo feminino. No século XX a classificação é dada como substantivo feminino e adjetivo e, no

século XXI, a palavra é classificada como adjetivo. A etimologia e a forma de pronúncia são dadas apenas no verbete do dicionário de 1985.

Todas as obras lexicográficas da língua espanhola, seguem o modelo da Academia Real Espanhola (RAE), portanto, as mudanças são sutis e, com o passar do tempo, há somente a adição ou exclusão de elementos. Nas acepções dos verbetes do espanhol, não há referência de gênero pois todas se referem a pessoa. As acepções dos séculos XVIII (1780), XIX (1846) e XX (1958), se referem ao sexo como comércio carnal, já no século XXI (2014) ocorre uma mudança, onde o sexo é referido como relações sexuais. No que se refere aos aspectos lexicográficos, todos os dicionários fornecem informações sobre a categoria; a etimologia só é dada em 2014 e nenhum dos dicionários fornece a forma de pronúncia da palavra.

O conceito de virgindade nos dicionários analisados é atrelado aos aspectos: morais, religiosos, biológicos e fisiológicos; nove das acepções apresentam que ‘virgem’ é uma pessoa do sexo feminino (mulher) e as outras sete acepções possuem uma visão onde a pessoa que não teve relações sexuais é virgem. Nas oito acepções dos séculos XVIII e XVIII, está presente o viés moral-cristão, onde o sexo pré-marital é pecado, denotando-se a importância de manter a castidade, se abstendo do pecado carnal e somente quem não teve relações sexuais é virgem.

No século XX, além do viés moral-cristão, podemos observar a presença do viés biológico-fisiológico pois, nos dicionários *Aurélio* e *Robert*, são citados órgãos genitais. As acepções destas obras denotam que, para que uma mulher deixe de ser virgem, é necessário ter “relações sexuais completas”, não possuir um Hímen e o coito, ou seja, introdução do pênis na vagina dá fim à virgindade. No século XXI, o *Aurélio* é o único dicionário onde o viés biológico-fisiológico e a marcação de gênero (mulher) continuam presentes, já as outras obras lexicográficas não mencionam gênero e nem possuem atrelamento a nenhum viés anteriormente citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de virgindade existe desde a Grécia Antiga e surgiu no intuito de garantir a paternidade, restringindo as atividades sexuais das mulheres ao matrimônio e, para checar se a virgindade continua associada ao sexo feminino, foi feita uma análise comparada multilíngue,

sincrônica e diacrônica, das acepções e aspectos lexicográficos dos verbetes: “virgem”, “*vierge*”, “*virgen*” e “*virgin*”, do século XVIII ao século XXI.

O conceito de virgindade está sendo repensado, mas continua sendo atrelado ao viés moral-religioso e também ao viés biológico-fisiológico e, nas sociedades patriarcais, é um conceito relacionado principalmente às mulheres. Os dicionários ajudam a propagar as ideologias sociais vigentes em cada época histórica e ao ligar virgindade ao feminino, eles ajudam a propagar concepções erradas sobre gênero e sexualidade.

Futuramente, poderão ser feitos estudos sociais sobre as definições dos verbetes, onde pode haver pesquisas de opinião com pessoas de diversas faixas etárias, religiões, culturas, países e sociedades para observar se as concepções presentes nos dicionários são tidas como corretas ou se existem novas maneiras de pensamento sobre o conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. M. de. **Conceito/definição em dicionários de língua geral e em dicionários de línguas de especialidades**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 4., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CiFEFil, 2000. Cadernos do CNLF, Série IV, n. 10. (Semântica e Lexicografia), 2000.

BIDERMAN, M. T C. **A ciência da lexicografia**. ALFA: Revista de Linguística. Lexicologia e lexicografia, v. 28, p. 01-26, 1984. Disponível em:
<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676>>

BLANK, H. **Virgin: The Untouched History**. New York: Bloomsbury, 2007. 304 p.

BROCHMANN, N.; DAHL, E. **Viva a Vagina: Tudo que você sempre quis saber**. São Paulo: Paralela, 2017.

CHAVES, Cláudia Régia Damasceno, **Le Robert Micro: desvelando ideologia(s) em torno do gênero verbete**. Fortaleza, 2011.

COSTA, Mikaeli Cristina Macêdo. **Representações sociais sobre o dicionário de espanhol como língua estrangeira (E/LE): Um estudo comparativo com alunos do curso de Letras/Espanhol do CAMEAN/UERN**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2015.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo. Editora Boitempo, 1997.

JACKSON, H. **Lexicography an Introduction**, 2. ed., Routledge, Londres, 2002.

KNIBIEHLER, Y. **História da virgindade**. São Paulo. Contexto, 2016.

LANGLANDS, R. **Sexual Morality in Ancient Rome**. Cambridge University Press, 2006.

REBOUÇAS, J. V. **As Representações ideológicas em definições de verbetes de dicionários escolares de Língua Portuguesa**. 131f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade e do Estado do Rio Grande do Norte, 2015.

REY-DEBOVE, J. **Approaches to semiotics**. 1.ed. Paris: Mouton, 1971.

SISSA, G. **The hymen is a problem, still. Virginity, Imperforation, and Contraception, from Greece to Rome**. EuGestA 3, 2013.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

DICIONÁRIOS DO CORPUS

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antônio Morais. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Borel Borel, 1789. 781 p. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008422&bbm/5412#page/780/mode/2up>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

DICIONÁRIO LAROUSSE DE POCHE. **Dicionário Larousse De Poche**. Larousse Paris, 2012.

ESPAÑOLA, Real Academia. **Diccionario de la Lengua Española**. 23. ed. Barcelona: Espasa Libros, 2014.

ESPAÑOLA, Real Academia. **Diccionario Manual e Ilustrado de Lengua Española**. 2. ed. Madrid: Espasa, 1958.

ESPAÑOLA, Real Academia; CASTELLANA, Diccionario de La Lengua. **Compuesto por la Real Academia Española**. Madrid: Real Academia, 1780.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2010. 272 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**, 2a edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANÇAISE, Académie. **Dictionnaire de L'Académie Française**. 3. ed. Paris: Académie Française, 1740. Disponível em: <[https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1280387t.r=dictionnaire%20de%20la%20langue%20fran%C3%A7aise?rk=42918;4#](https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1280387t.r=dictionnaire%20de%20la%20langue%20fran%C3%A7aise?rk=42918;4#>)>. Acesso em: 20 out. 2019.

FRANÇAISE, Académie. **Dictionnaire de L'Académie Française**. 6. ed. Paris: Académie Française, 1835. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50408v/f1.image.r=Dictionnaire%20de%20l'Acad%C3%A9mie%20fran%C3%A7aise.langEN>>. Acesso em: 28 out. 2019.

PRESS, Oxford University. **Pocket Oxford English Dictionary**. 10. ed. Oxford: Oxford University Press, 2007. 812 p.

PRESS, Oxford University. **Oxford English Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1961. 400 p.

ROBERT, Paul; REY, Alain. **Le Grand Robert de la Langue Française**. 2. ed. Paris: Editions Le Robert, 1985. 13500 p.

SALVÁ, Vicente. **Nuevo Diccionario de la Lengua Castellana**. Paris: Libreria Don Vicente Salvá, 1846. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/nuevo-diccionario-de-la-lengua-castellana-que-comprende-la-ultima-edicion-integra-muy-rectificada-y-mejorada-del-publicado-por-la-academia-espanola--0/html/004503f6-82b2-11df-acc7-002185ce6064_27.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Germano Neves, 1877. Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Diccionario%20da%20Lingua%20Portuguesa%20-%207%C2%AA%20edicao,%20Tomo%20I,%20A_E&pesq=>>. Acesso em: 15 out. 2019.

THOMAS, Sheridan. **A Complete Dictionary of The English Language**. London: A.m, 1789. Disponível em: <https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101600281#>>. Acesso em: 25 out. 2019.

WEBSTER, Noah. **An American Dictionary of the English Language**. New York: S.converse, 1828. Disponível em: <<https://archive.org/details/americanationa01websrich/page/n7>>. Acesso em: 22 out. 2019.